

YUKIO MISHIMA

# O Pavilhão Dourado

*Tradução do japonês e glossário*  
Shintaro Hayashi



Copyright © 1949 by Herdeiros de Yukio Mishima

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Kinkakuji

*Capa*

Luciana Facchini

*Foto de capa*

© Gideon Mendel/ Corbis (dc)/ LatinStock

*Preparação*

Maria Cecília Caropreso

*Revisão*

Erika Nakahata

Veridiana Maenaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mishima, Yukio

O Pavilhão Dourado / Yukio Mishima ; tradução do japonês  
Shintaro Hayashi. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Kinkakuji.

ISBN 978-85-359-1681-2

1. Ficção Japonesa 1. Título.

---

10-04872

CDD-895.63

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura japonesa

895.63

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ LTDA

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# 1.

Desde quando eu era criança, meu pai já me falava constantemente do Pavilhão Dourado.

Nasci em um promontório solitário e pobre, projetado sobre o mar do Japão, a nordeste de Maizuru. Meu pai, contudo, não nasceu ali, mas em Shiraku, nos subúrbios a leste de Maizuru. Abraçou a carreira monástica cedendo a pedidos insistentes. Veio depois a assumir o cargo de prior em um templo existente nesse promontório perdido, casou-se com uma mulher da região e teve um filho — que sou eu.

Não havia escolas secundárias nas proximidades desse templo no promontório de Nariu. Com o passar do tempo, deixei meus pais e fui morar com um tio que vivia em Shiraku, para ali frequentar a escola secundária Maizuru Leste. Costumava então percorrer a pé o caminho até a escola.

A região era profusamente iluminada pelo sol o ano todo. Entretanto, por volta de novembro e dezembro, chuvaradas repentinhas sobrevinham três ou quatro vezes ao dia, mesmo quando o céu se mostrava perfeitamente limpo e sem resquício de

nuvens. Penso até que a terra possa ter influído na formação desta minha alma volátil.

Nas tardes de maio, ao regressar da escola, eu costumava observar os morros distantes através da janela da minha saleta de estudos no andar superior da casa de meu tio. Os raios do sol poente se refletiam sobre a jovem folhagem que revestia a encosta dos morros, e um biombo dourado surgia inesperadamente bem no meio da pradaria. Isso despertava na minha imaginação o Pavilhão Dourado.

Eu tinha conhecimento de como era na realidade o Pavilhão através de fotografias e também das descrições constantes nos livros didáticos. Contudo, a imagem que eu formara, transmitida por meu pai, sobrepujava essa realidade. Creio que meu pai nunca se valeu de adjetivos como “resplandecente” ou similares para descrevê-lo, mas para ele nada mais formoso havia sobre a face da Terra do que o Pavilhão. Dessa forma, o simples aspecto dos caracteres que formavam o nome, a própria pronúncia desses caracteres despertavam na minha alma uma imagem desmesurada.

Bastava ver reflexos do sol na superfície das águas dos arrozais distantes para eu achar neles a miragem do Pavilhão invisível. O Passo de Kichizuka, que divide a província de Fukui e o município de Quioto, ficava bem a leste. Era onde o sol nascia todas as manhãs. A direção era oposta à de Quioto, mas eu via ali o Pavilhão imponentemente erguido ao céu entre os raios do sol da manhã que subiam dos vales.

Assim, o Pavilhão Dourado me surgia em todas as partes. Contudo, avistá-lo mesmo era impossível, e nisso ele se assemelhava ao mar da região — as montanhas obstruíam a visão da baía de Maizuru, situada a pouco mais de dois quilômetros a oeste da aldeia de Shiraku, deixando entretanto sempre presente a sensação da proximidade do mar. Percebia-se vez ou outra o seu

odor nos ventos, e muitas gaivotas vinham pousar nos arrozais das cercanias, fugindo de temporais.

Fisicamente frágil, eu sempre saía perdendo em disputas de corrida e exercícios em barra fixa. E, sobretudo, eu era gago. Tudo isso contribuía para que me tornasse cada vez mais tímido e retraído. Todos sabiam que eu era filho de monge. Assim, tornei-me alvo de escárnio de colegas maldosos, que costumavam arremedar na minha frente um monge gago entoando sutras com dificuldade, tropeçando nas palavras. Uma passagem em nosso livro de leitura trazia um personagem gago. Essa passagem era lida por eles em voz propositadamente alta para que eu ouvisse.

Julgo desnecessário dizer o quanto a gaguice constituía um obstáculo que se interpunha entre mim e o mundo exterior. O problema todo estava no primeiro som a ser articulado, pois essa era a chave que abria a porta entre meu mundo interior e o mundo exterior. Essa chave nunca cumpria direito sua função. Pessoas normais conseguem fazer uso das palavras com desenvoltura e, assim, podem deixar sempre escancarada a porta entre o mundo interior delas e o mundo exterior, proporcionando uma livre circulação de ar entre esses dois mundos. Isso, no entanto, me era impossível. A chave da minha porta se achava irremediavelmente emperrada na fechadura.

O gago, enquanto luta e sofre para pronunciar a primeira sílaba, é como o pássaro que se debate para desprender-se da viscosidade de seu mundo interior — e, quando afinal consegue se libertar, já é tarde. Em certas circunstâncias, reconheço isto, tive a impressão de que a realidade do mundo exterior esperava com paciência que eu me libertasse. Mas durante esse tempo ela perdia frescura. Assim, quando eu alcançava finalmente o mundo exterior após esforços ingentes, tudo que encontrava era

uma realidade descolorida e defasada... Uma realidade despojada de frescura, semiapodrecida e malcheirosa, com certeza a única que eu merecia.

Não é difícil imaginar que nessas circunstâncias um jovem passe a nutrir duas ambições antagônicas de poder. Eu gostava de ler sobre os tiranos da história. Se eu fosse um tirano gago e casmurro, meus vassalos viveriam constantemente atemorizados e atentos ao menor sinal de irritação que eu demonstrasse. Palavras claras e fluentes não teriam utilidade, já que não haveria necessidade alguma de explicar meus desmandos. O silêncio justificaria todas as atrocidades que eu cometesse. Mas ao mesmo tempo em que me comprazia imaginando os castigos que imporia a cada um dos mestres e colegas que diariamente me desprezavam, eu me satisfazia em me imaginar um artista extraordinário, um filósofo sereno, um soberano absoluto de meu mundo interior. Assim, meu mundo interior era mais rico que o de qualquer outro, muito embora meu aspecto externo fosse deplorável. Mas não seria apenas natural que um jovem possuído de um complexo de inferioridade insuperável se imaginasse um ser escolhido por desígnios secretos? Eu tinha a impressão de que em alguma parte deste mundo uma missão ainda desconhecida me era reservada.

Um episódio me vem à lembrança.

A escola secundária Maizuru Leste achava-se instalada em um edifício moderno e bem iluminado, rodeado ao longe de morros suaves, e possuía uma extensa área externa.

Certo dia de maio, um ex-aluno, então cadete da Escola de Mecânica da Marinha de Guerra de Maizuru, foi visitar a escola onde se formara, aproveitando as férias que gozava.

A pele tostada de sol, o nariz altivo sob a aba do quepe que

trazia afundado sobre os olhos faziam dele, sem tirar nem pôr, a própria imagem de um jovem herói — da cabeça até a ponta dos pés. Ele descrevia aos jovens estudantes do ginásio os rigores de uma vida cerceada por regulamentos. E, contudo, discorria sobre essa vida certamente angustiante como se ela fosse fabulosa, repleta de fausto e extravagância. Seu orgulho transparecia nas mínimas atitudes. No entanto, embora tão jovem, sabia valorizar a modéstia. O peito sob o uniforme debruado lembrava o peito estufado de uma figura de proa de um navio rompendo o vento e as ondas do mar.

Ele estava sentado em um degrau da escadaria de pedra que descia à praça de esportes. Quatro ou cinco ouvintes o cercavam, absorvidos em sua conversa. Flores de maio — tulipas, ervilhas-de-cheiro, anêmonas e margaridas-do-campo — enchiam o canteiro que cobria a encosta do desnível. No alto, ramos de magnólia se estendiam exuberantes, cobertos de alvas flores.

O palestrante e os ouvintes formavam um grupo imóvel, como se fizessem parte de algum monumento. Quanto a mim, eu me achava sentado sozinho em um banco da praça de esportes, afastado deles quem sabe dois metros. Essa era a forma como eu demonstrava meu respeito — meu respeito às flores de maio, à farda orgulhosa, às risadas alegres.

Mas então o jovem herói se mostrava mais atencioso comigo que com os seus admiradores. Ele me via como o único do grupo a não se curvar diante da sua personalidade, e isso lhe arranhava o orgulho. Perguntou meu nome aos outros.

— Olá, Mizoguchi! — chamou-me, dispensando apresentações. Calado, limitei-me a fitá-lo com firmeza. Havia no sorriso que me dirigiu algo semelhante à condescendência dos poderosos.

— Por que não diz alguma coisa? Você é mudo?

— Eu sou ga-ga-gago! — respondeu por mim um de seus

admiradores, e todos se dobraram de rir. Como é ofuscante o riso de escárnio! A mim, a risada cruel de meus colegas de classe me pareceu faiscar como os reflexos do raio de sol sobre a folhagem.

— Então você é gago! Por que não ingressa também na Escola de Mecânica da Marinha? Eles lhe darão um trato nessa gagueira em um só dia.

Para minha surpresa, consegui responder pronta e claramente a essa sugestão, nem sei como. As palavras fluíam com facilidade, e a resposta saiu em um instante, sem o auxílio da minha vontade:

— Não, eu quero ser monge.

Fez-se um silêncio. O jovem herói abaixou a cabeça, colheu a esmo uma folha de capim e prendeu-a na boca.

— Sei... Então, caberá a você cuidar de mim daqui a alguns anos, quem sabe. Não é assim?

A guerra do Pacífico se iniciara naquele ano...

Tenho certeza de que nesse momento uma clara consciência despertava em mim: a consciência de que eu me encontrava em um mundo envolto em trevas, com ambos os braços abertos em expectativa; de que, com o tempo, as flores de maio, o uniforme, os colegas de classe maldosos, todos viriam ter em meus braços estendidos; de que eu sustentava o mundo, sofrendo-o pelas bases. Porém, essa espécie de consciência era por demais opressiva para um adolescente como eu para constituir motivo de orgulho.

O orgulho deveria ser algo mais leve, mais luminoso, fisicamente visível, mais resplandecente. Algo visível — eis o que eu queria. Algo que todos pudessem ver e que me fosse de fato motivo de orgulho, como, por exemplo, o espadim que ele trazia à cintura.